

Olhar o teatro com doses imoderadas e coletivizadas de alegria, espanto e reflexão

Texto escrito a partir da ação Crítica Errante - uma intervenção nas filas - realizada durante o 6º Festival Nacional de Teatro de Passos e Região em julho de 2022.

- Por Clóvis Domingos -

No caderno com a programação do 6º Festival Nacional de Teatro de Passos e Região, o idealizador e coordenador geral Maurilio Romão escreveu: “O Festival é constantemente bordado no nosso tecido social e cultivado durante todo o ano, para que sempre seja possível olhar a cidade com *doses imoderadas de poesia*”.

Busco inspiração junto a essa fala de Maurilio para refazer os fios tecidos durante os muitos dias nos quais conversei longamente com os espectadores do Festival visando a criação de uma crítica coletiva. Fui atravessado por encontros inesperados, escutei diversas e inquietantes leituras a partir das obras apresentadas e pude verificar a importância de se valorizar o público como agente fundamental do fenômeno cênico.

Crítica Errante (o nome da intervenção) é uma performance, um gesto poético, uma vontade de conversa e uma *dramaturgia do convite*. Convite para falar, especular, “pensar alto”, fabular. Uma ação de mediação artística junto aos espectadores articulando memória, apreciação estética, espaço de produção de percepções e imagens, um salto no abismo. Como desmontar um certo vício de pensamento no teatro que separa e hierarquiza artistas e espectadores? Movido por um desejo de abertura e aproximação, percorri as filas buscando nelas a possibilidade de contato, de recuperar os vestígios e marcas deixados pela efemeridade dos espetáculos, atento aos sinais de aceitação e recusa para uma troca de ideias, um *desajeitamento* para permitir que se pudesse brotar frutos estranhos e flores nunca antes percebidas. Um exercício de aprendizagem colaborativa.

Misturadas estão aqui nessas letras e linhas as vozes, expressões e indagações de uma pequena multidão ávida por arte, convívio e beleza. Os espetáculos também vão sendo aqui enovelados pela associação livre e espontânea na qual os espectadores foram tecendo relações de vizinhança e afastamento. Circulações afetivas, atos de reconhecimento e também de estranhamento. Mais do que uma intervenção, vivenciamos uma *composição*: espacial, sonora, temporal, imagética, dissonante, carinhosa, às vezes áspera, mas sempre apaixonada. As falas foram me conduzindo aos temas. São comentários curtos e aparentemente “meras opiniões”, mas que desdobram questões mais profundas e revelam

a inteligência, a sofisticação de pensamento e a aguda sensibilidade por parte dos envolvidos. Para quem saber ler: “um pingo é letra”. Tento aqui organizar certa desordem. Mas é impossível separar “o joio do trigo”. A convocação então é a disponibilidade para abraçar o jogo e experimentar uma *profusão* e *confusão* de frases, sensações e fios soltos que cada leitor(a) vai puxando e costurando assim sua colcha de leitura.

Abra bem os ouvidos!

Se procure, mas também se perca!

O que faltar, complete com sua imaginação!

Leia nas entrelinhas!

E aprecie sem moderação!

Foi conversando nas filas com as pessoas que escutei assim:

Sobre o amor

“ O tema principal desse festival para mim é o amor. Começou e acabou com peças que contavam histórias de amor (“*Cordel do Amor Sem Fim- Ou a Flor do Chico*” do Grupo Os Geraldos e “*A Saga Amorosa dos Amantes Píramo e Tisbe*” do Grupo Pó e Poeira). E tudo com música. Fiquei pensando: não existe amor silencioso. Se a gente ama, a gente canta”.

- “Tem também o amor pelo teatro que se resgatou aqui no Festival agora, ainda mais em tempos de pandemia”!

- “Todo amor parece meio impossível, né? Tipo Romeu e Julieta. E me lembrou a peça *O Auto da Compadecida* do Ariano Suassuna” (A partir do espetáculo “*A estória do homem que vendeu sua alma ao diabo e quase perdeu seu amor*” do Grupo Pó e Poeira).

- “Amar endoidece. Mas a gente espera o amor todos os dias”. “No amor, a gente é mais bicho do que gente, né? Você viu a relação entre a galinha e o pavão”? (A partir do espetáculo “*Cordel do Amor Sem Fim - Ou a Flor do Chico*” do Grupo Os Geraldos).

- “No amor tudo fica suspenso, inclusive as palavras. Não há neutralidade quando se ama. Um espetáculo arriscado e corajoso com a proximidade das pessoas que também participam junto contando suas experiências” (A partir do solo “*O jardim suspenso ou a lucidez do amor irracional*” do Núcleo do Ator Maestro).

- “Nelson Rodrigues é foda. Com ele o amor se torna cafajeste”! (A partir do espetáculo “*Os Sacrilégios do Amor*” do Grupo Pó e Poeira).

- “A história de amor que começa com uma briga na ponte e a partir da pescaria. Amor pede diferença. Amor faz milagre mesmo. Eu ri muito! E que figurino sensacional”! (A partir do espetáculo “*O Santo Milagroso*” da Companhia do Voo de Teatro).

Cenas e questões sociais

- “O tema da masculinidade tóxica e do machismo é importante. Um solo necessário e urgente. Eu lembrei do quanto meu irmão sofreu pelo fato de ser um homem gay”. “Eu, masculino. Eu, homem. Eu, impotente. Eu, castrado. Eu, importante”? (A partir do solo “*Experimento 1: Masculino*” com Cris Diniz).

- “Eu chorei muito. Fiquei indignado. Mas por que aquele final? Eles encenaram o Brasil real, o país de tantos desmontes”... (A partir do espetáculo “*Abate*” do Grupo Libre Théâtre)

- “Foi sobre o drama das mulheres na guerra. Fiquei impactada e não senti o tempo passar. E foi uma apresentação muito tarde da noite, era quase madrugada”! (A partir do espetáculo “*Kaputt*” da Companhia do Voo de Teatro).

- “Será que se trata de um trabalho sobre a criminalização e as injustiças no Brasil de hoje? Porque parecia um julgamento público e com o personagem cercado por todos os lados. O som dos pombos no telhado também ajudava no clima. A gente se acostuma a tantas coisas, né”? (A partir do espetáculo “*O Processo*” da Cia Âmago do Teatro).

- “Uma peça de rua comovente. Fala daquela tragédia real com as barragens e que infelizmente matou muita gente. Os nomes dos personagens como Mariana e Brumadinho faz com que a gente lembre que as cidades são feitas de pessoas”... (A partir do espetáculo “*A rua, a lama e a santa*” do Grupo Carroça Teatral).

- “Fiquei meio angustiado com essa ideia de que estamos no fim do mundo. Do ser humano pode se esperar tudo”! (A partir do espetáculo “*O Conselho*” da Cia Um do Outro de Teatro).

- “*Onde o som vai se pôr?* Aqui hoje na Ocupação e piquenique na Estação. Tudo a ver com nosso movimento e luta aqui em Passos” (A partir da performance “*Literatura para Dançar*” do artista Juliano Mendes).

- “Mas Nelson Rodrigues não precisa ser reconfigurado”? “Tem certos discursos que não cabem mais hoje”? (A partir de peças que trouxeram as obras do dramaturgo).

ARTE DÁ TRABALHO

- “É preciso reconhecer o trabalho dos artistas. Eu valorizo toda forma de arte. Saio de casa para aprender alguma coisa com os espetáculos”.

- “Que monólogo forte! Como deve dar trabalho montar esse espetáculo que fala sobre o que é fazer justiça. Uma história que me emocionou e me fez pensar muito”... (A partir do espetáculo “*Olho por Olho*” com Rohan Baruck).

- “O trabalho real do teatro é nos confrontar com nossa humanidade”.

- “ Os cantadores da peça não são sem valia, tem valor demais. São reis magos. Trazem alegria e vida. É como fazem os artistas brasileiros que hoje são desvalorizados. Eles trazem poesia. Isso é o trabalho da arte do teatro” (A partir do espetáculo “*Os Sem Valia*” do Grupo Tupam).

Mineiridades e memórias

- “Eu voltei à minha infância junto com eles. Um pouco do nosso interior das Minas Gerais pelas vozes das mulheres”. “Eu era professora na roça e sinto saudades” (A partir do espetáculo “*Partidas*” do Grupo Teatro da Pedra).

- “Nosso teatro mineiro também tem muita religiosidade, né”?

- “Eu lembro muito dessa coisa mineira de teatro de rua com o *Grupo Galpão* que já abriu o Festival de Passos”.

- “Por que as peças de teatro de rua quando acontecem nas praças da cidade são todas feitas na porta das igrejas? Não existem outros jeitos de estar nas ruas”?

- “Têm umas peças mais ousadas que são ótimas para provocar essa nossa sociedade mineira bem conservadora”!

- “Parece que discute a questão do que é pecado e sobre a condenação da beleza feminina. Tem muita família tradicional mineira e puritana. Tudo debaixo dos panos” (A partir do espetáculo “*A náusea*” do Grupo Fócu de Teatro).

- “Eu gosto dessas peças mineiras aqui no Festival porque temperam no ponto o sagrado e o profano”.

Do inusitado

- “Esse é na verdade o *Festival Nacional da Fumaça no Teatro em Passos*”!
- “Você viu o Sr. José (morador da cidade) atuando naquela peça junto aos artistas? Ele roubava a cena a todo momento. Que figura”! “Nossa raiz de teatro é o circo”! “As crianças ficam alegres e a gente fica também” (A partir de “*Hoje tem espetáculo*” do Grupo Rosa dos Ventos).
- “O mundo todo quer saber: o que aconteceu com a Dorotéia no final da peça? Tive que sair antes de acabar para conseguir entrar na fila do próximo espetáculo” (A partir do espetáculo “*A náusea*” do Grupo Fócu de Teatro).
- “Anota aí meu número de telefone e a gente vai trocando mensagens de crítica pelo *whatsapp*”...
- “Tinha um homem vestido de mulher e aí não acontece nenhuma reação na cena de violência? Mas como assim”? (A partir do espetáculo “*Tartufo’s 80*” da Preqaria Cia de Teatro).
- “Você prestou atenção nas patas do Coronel da peça? É gado”! (A partir do espetáculo “*O Santo Milagroso*” da Companhia do Voo de Teatro).
- “Você é um colecionador das palavras que a gente te entrega, né”?
- “Que caderno mais lindo com esses papezinhos coloridos”!
- “Minha vontade mesmo é de falar diretamente com os artistas o que eu achei do espetáculo”!
- “Um público muito interessado que até participa dos debates e conversas após as apresentações! Isso é tão raro”!
- “Fala para o Maurilio (organizador do Festival) que podia ter mais peças para crianças na programação”.

Eu e NÓS

- “Tem muito espetáculo com depoimento pessoal. Mas até onde é verdade ou mentira”?

-“Como que ele consegue prender nossa atenção tanto tempo sozinho e na rua”? “Acho que o recado dele é isso: você pode ser o que quiser”. “Tão bom ouvir trechos da peça do Shakespeare, vou reler essa obra” (A partir do espetáculo “*Eu, Romeu*” da Adorável Cia).

- “Eu gosto porque essas peças de teatro popular aqui no Festival de Passos colocam a gente prá participar junto”.

- “O que ele conta é muito delicado, um tema pesado. Falta ter um desfecho melhor”! (A partir do solo “*E o céu beijou a boca de Saturno*” da Descartável Cia e Produtora).

Sobre a crítica de arte

- “E quem critica a crítica”?

- “Eu não entendo muito sobre arte e não sei falar nada”...

- “Posso até comentar alguma coisa, mas não publica meu nome, por favor”!

- “Você pode me ajudar explicando aquela cena”?

- “Nunca tinha visto isso de fazer uma crítica com todo mundo. Lembrei até do poema do João Cabral de Melo Neto: *um galo sozinho não tece uma manhã*”...

Mais algumas (ou últimas) palavras

- “O Festival é uma cena com a nostalgia do que é e pode ser o teatro enquanto arte do encontro e de muitos acontecimentos. A gente vê as filas longas e os espetáculos cheios. Isso traz uma esperança para nós artistas. O teatro faz mais parte da vida das pessoas do que imaginamos. E isso não precisa ser um grande sucesso, é bom ter apenas reconhecimento. Aqui percebo essa dimensão comunitária do teatro. Uma colcha de retalhos muito diversa: espetáculos de rua, autobiográficos, tem Nelson Rodrigues... Festival é um pouco isso: festa, reunião, conversa boa e cadeira no passeio”...

- “São tantas linguagens diferentes e têm para todos os gostos”.

- “Acho que o Festival de Passos vem aprimorando a cada ano”.

- “Ter homenageado uma espectadora (Zelita Jorge) na cerimônia de premiação é uma renovação bem-vinda nesse Festival”!

- “Só estou elaborando isso agora porque estou aqui conversando com você”!

- “*Você é de todo mundo e todo mundo é você em sua extensão*”...

- “Você deve estar bem exausto, né”?

- *“AH, JÁ TÔ COM SAUDADES DA FILA”!*